

Hanna J. Batoréo

Universidade de Aberta, Lisboa; hanna@univ-ab.pt

Como não “*pôr o pé em ramo verde*” ou do papel da polissemia na construção do sentido

0. Introdução

Em várias alturas na vivência secular da história da Linguística como ciência independente, o estudo do sentido múltiplo ou seja, da polissemia¹, chegou a ser encarado, pelos estudiosos, como um fenómeno de menor interesse ou, até, considerado um falso problema (cf. Silva, 1999, 2001 e 2003). Nas correntes que abstraem da importância do estudo do significado ou que o minimizam, tal como acontece nos formalismos do estruturalismo derivacional e da escola generativista, a polissemia é convertida em homonímia², negando-se quer a relevância da diferenciação de sentidos quer o estatuto linguístico do seu estudo. Defende-se, nestas escolas linguísticas, que os diferentes usos de uma expressão são predizíveis a partir de princípios gerais pragmáticos, estando estas estratégias na base do postulado linguístico “uma forma – um significado”, no qual o sentido aparece como único, genérico e abstracto.

O estudo do sentido múltiplo começa a ganhar importância no fim dos anos setenta, com o advento do Léxico e dos estudos lexicológicos. Todavia, o maior interesse pelo estudo da polissemia aparece no seio da Linguística Cognitiva, em que este não é efectuado apenas ao nível das estruturas lexicais, mas onde é encarado como efeito da prototipicidade, um dos fenómenos basilares desta corrente, e estudado no “modelo baseado no uso”, revelador da sua flexibilidade e variabilidade semânticas.

* Agradeço todos os comentários com que contribuíram para o presente texto Edite Prada e Paulo Barata.

¹ Tradicionalmente, entende-se por polissemia uma “propriedade das unidades lexicais que têm vários significados relacionados de forma muito próxima. No domínio da linguística estrutural, a polissemia foi normalmente referida por oposição à homonímia em que uma mesma forma pode ter significados muito diversos e afastados entre si, mas nas mais recentes teorizações essa oposição tornou-se menos relevante.” (Xavier e Mateus (eds.), vol. II, 1992: 298

² Por homonímia entende-se a “relação existente entre unidades lexicais que têm as mesmas formas gráfica e fonética, mas significados diferentes. A homonímia compreende a homofonia, a homografia ou as duas.” (Xavier e Mateus (eds.), vol. II, 1992: 206). Cf. homonímia parcial.

Defende-se, em Linguística Cognitiva³ – tal como, para Português, o demonstra Silva nos seus estudos quer do verbo ‘*deixar*’, quer do diminutivo quer ainda do dativo –, que as categorias linguísticas não se podem geralmente definir em termos de propriedades suficientes e necessárias (como o eram nas correntes monossémicas), mas são construídas por similaridades parciais ou “parecenças de família”, em que uns elementos são mais salientes do que outros e em que não existem fronteiras bem delimitadas⁴. Assim, o conteúdo semântico de uma categoria não precisa de ser unitário, sendo antes construído por interrelações de sentidos. Por conseguinte, os sentidos de um determinado item não são dados, antes se constroem, sendo “interpretações” que surgem de um contexto particular. Neste enquadramento, os sentidos prototípicos servem para outros, de perspectiva interpretativa, dando origem a uma teoria de significado de carácter flexível, dinâmico e “perspectivista”. Tendo por base a corporização ou a “incarnação” («embodiment») dos significados na experiência individual e corporal, bem como na sua perspectiva colectiva e histórica, a criação dos novos sentidos surge através dos processos da metáfora, da metonímia, da analogia e de outros mecanismos advindos da conceptualização. No meio da multiplicidade de sentidos, é provavelmente o critério de convencionalização que determina a criação das fronteiras de sentido: um uso que esteja convencionalizado constituirá um sentido diferente, que fará parte do léxico mental.

1. A perspectiva monossémica de homonímia versus a multidimensionalidade da polissemia

Repare-se que a polissemia não surge apenas a nível dos itens lexicais, abrangendo a multiplicidade de significados das expressões linguísticas todos os níveis de análise. Observemos, p. ex., o caso do morfema derivacional ‘-eiro’ em Português (cf. Almeida & Gonçalves, 2005). Como relacionar entre si os significados das palavras formadas por

³ “Provavelmente uma das primeiras razões da afirmação ou mesmo do sucesso da Linguística Cognitiva terá sido o reconhecimento explícito de um fenómeno linguístico do senso comum: o significado múltiplo das expressões linguísticas ou polissemia. A partir dos trabalhos pioneiros de Langacker (p. ex. 1978), Brugman (1981), Lakoff (p. ex. 1982) e Talmy (p. ex. 1983), descrevendo estruturas altamente polissemicas, a tendência para o estabelecimento de distinções e de relações entre os usos de uma expressão tornou-se uma constante e a descrição da polissemia quase que uma obsessão, a tal ponto que se poderá perguntar o que é que resta à Linguística Cognitiva sem a polissemia.” (Silva, 2003: 14).

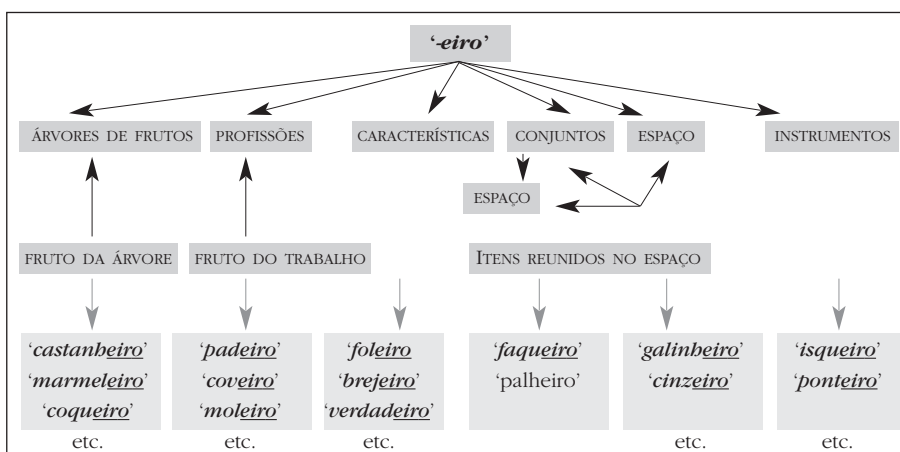
⁴ “Será que os vários usos de uma mesma forma lexical ou gramatical estão polissemicamente representados na mente dos falantes? Ou: as “network analyses” poderão ser tomadas como reflectindo idêntico armazenamento no léxico mental dos falantes? [...] Para começar, a instabilidade tanto sincrónica como diacrónica da polissemia é já sinal evidente de que os significados não são *objectos mentais* depositados nessa caixa misteriosa do cérebro/mente, mas *processos* ou *actos* (*actos de significação*, no sentido de Bruner 1990) subjectivamente construídos para fazerem sentido em universos do discurso intersubjectivamente partilhados, e que portanto a ‘linguagem do pensamento’ ou *mentalês* de que fala Fodor (1976) pura e simplesmente não existe. Depois, a polissemia é um efeito cognitivo real da maneira como categorizamos o mundo, não em termos de condições individualmente necessárias e conjuntamente suficientes, mas segundo o princípio da prototipicidade. Terceiro, a polissemia revela-nos importantes mecanismos cognitivos e estratégias de conceptualização: imagens esquemáticas sensorio-motoras, metáfora, metonímia, esquematização, subjectivação, integração conceptual, etc. E estas evidências linguísticas encontram fundamentação biológica nas teorias neurobiológicas da consciência de Edelman e Pöppel (1997) [...]. Segundo Edelman, a consciência (ou melhor, a sua evolução) envolve três diferentes níveis que emergem de uma relação dinâmica entre o cérebro e o mundo ou entre diferentes áreas do cérebro.” (Silva, 2001: 162-165).

derivação com este sufixo, tais como, ‘*castanbeiro*’, ‘*padeiro*’, ‘*brejeiro*’, ‘*cinzeiro*’, ‘*galinbeiro*’, ‘*faqueiro*’, ‘*isqueiro*’?

Em primeiro lugar, verificamos que se trata de casos diferentes de ‘-eiro’ que trazem sentidos diversos. Assim, verificamos que ‘*castanbeiro*’ é uma árvore que dá castanhas, ‘*padeiro*’ é uma pessoa que trabalha na padaria, ‘*brejeiro*’ é uma característica de fenómeno, pessoa ou coisa sem jeito, ‘*cinzeiro*’ é um lugar onde se deposita cinza, ‘*galinbeiro*’ é um lugar que abriga as galinhas⁵, ‘*faqueiro*’ é um lugar onde se guardam facas (talheres), mas também é um conjunto de facas (talheres), ‘*isqueiro*’ é um instrumento que serve para fazer lume, etc.

Em segundo lugar, podemos observar que os sentidos acima exemplificados podem dividir-se em subgrupos. Podemos, assim, propor os seguintes tipos de agrupamentos: árvores de frutos (p. ex., ‘*castanbeiro*’), profissões (p. ex., ‘*padeiro*’), características (p. ex., ‘*fuleiro*’), lugares (abrigos, contentores de conjuntos, etc.) (p. ex., ‘*cinzeiro*’, ‘*galinbeiro*’, ‘*faqueiro*’⁶), instrumentos (p. ex., ‘*isqueiro*’), agrupamentos esses que – por sua vez – podem ser representados como núcleos prototípicos, à volta dos quais se agrupam os diferentes itens, portadores de sentidos diferentes (Fig. 1):

Figura 1: Proposta de representação da polissemia do sufixo derivacional ‘-eiro’



Em terceiro lugar, reparamos que nem todos os grupos que distinguimos na primeira etapa de análise são igualmente produtivos. Se é relativamente fácil encontrar nomes de profissões (‘*mineiro*’, ‘*carteiro*’, ‘*fuzileiro*’, ‘*empreiteiro*’, etc.) ou nomes de árvores de fruto (‘*limoeiro*’, ‘*coqueiro*’, ‘*marmeleiro*’, etc.), esse já não é o caso das características atribuídas às pessoas ou coisas (‘*verdadeiro*’, ‘*grosseiro*’, ‘*certeiro*’) ou de instrumentos (‘*ponteiro*’).

⁵ Num inquérito feito recentemente na TVI, em que se perguntava às pessoas na rua como se chamava o “conjunto de galinhas”, alguns dos inquiridos respondiam “*galinbeiro*?”], evidenciando não apenas a sua incapacidade de activação (ou mesmo desconhecimento) da palavra ‘bando’, mas também a presença no seu léxico mental da (pelo menos) dupla, neste caso, interpretação do morfema derivacional “-eiro”.

⁶ Repare-se, também, que há quem, no registo popular, se refira ao(s) (conjunto dos) dentes como “o *faqueiro*”, p. ex. “*preciso de ir ao dentista para tratar do faqueiro*”.

Em quarto lugar, a área das designações de lugares é, por sua vez, bastante complexa, sendo preciso distinguir entre um lugar de poiso (*'galinheiro'*), de depósito (*'cinzeiro'*), de colocação de um conjunto de objectos individuais (*'faqueiro'*, *'palheiro'*, etc.).

O princípio de análise polissémica acima traçado evidencia apenas alguns dos problemas que se levantam numa tentativa de representações possíveis entre vários exemplos da mesma categoria polissémica. Existe apenas um centro nuclear prototípico, ou vários? Se forem vários, todos eles apresentam o mesmo grau de saliência (são igualmente produtivos)? Quais são as distâncias das categorias menos prototípicas em relação ao núcleo principal? Quais são as distâncias existentes entre vários elementos menos centrais e/ou mais periféricos? Como podemos representar estas dependências? Em rede? Numa representação radial? Ou é apenas uma representação multidimensional que pode dar conta da riqueza dos sentidos acima exemplificados?

Se pensarmos, p. ex., na palavra *'pé'* (parte do corpo), nos outros sentidos da mesma palavra, tais como *'pé'* (medida) ou *'pé'* (parte de uma planta p. ex., *'pé de salsa'*) e nas várias expressões de que este item linguístico faz parte *'pé da cama'* (≠/≠ *'cabecreira'*), *'pé da montanha'*, *'pé da mesa'*, *'estar ao pé de'* (alguém), *'pé de dança'*, *'pé-de-meia'*, etc., até – intuitivamente – constatamos que, em todos os casos apresentados, se trata de significados múltiplos do mesmo item *'pe'* (ver a análise pormenorizada mais adiante). Também, intuitivamente, sabemos que o caso de *'pé'* é diferente do caso de *'canto'*, no qual a mesma forma, por coincidência histórica, surgiu a designar (i) um ângulo (ou: lugar interior oposto à esquina), p. ex. *'um canto da casa'* e (ii) a primeira pessoa do verbo *'cantar'*, isto é, *'eu canto'* ou, ainda, o resultado da acção de cantar *'o canto'* (p. ex., *'o canto gregoriano'*). No caso exemplificado por *'canto'*, trata-se claramente de dois tipos de sentido diferentes, sem parentesco ou raízes comuns, ou seja de homonímia. No entanto, se olharmos para o aspecto referenciado em (ii) acima apresentado, verificamos que – dentro da própria área semântica de *'cantar'* – temos polissemia entre (eu) *'canto'* e *'canto (gregoriano)'*. Este exemplo simples mostra que as relações polissémicas e homonímicas entre unidades lexicais se cruzam de um modo complexo e dificilmente podem ser encaradas como lineares.

2. Incorporação («embodiment») da criação do sentido

No processo de metaforização, umas línguas servem-se do objecto-suporte a que se referem, outras apontam para o objectivo que se propõem alcançar, enquanto outras, ainda, evocam imagens simbólicas. Assim, por exemplo, enquanto as crianças portuguesas que não sabem nadar colocam nos braços as *'braçadeiras'* para se manterem à superfície da água e as americanas põem os *'floaties'* que lhes permitem 'flutuar' (ing. *'float'*), as polacas usam *'skrzydelka'*, isto é, as *'asinhãs'*. Embora no caso atrás apresentado não pareça existir convergência para tal, muitas línguas – como, por exemplo, o Inglês, o Francês ou o Polaco – utilizam a metáfora da *asa* na designação dos flancos (partes laterais) de grandes edifícios ou organizações. Temos, assim, a conceptualização de *asas* (*'wings'*, *'ailes'* e *'skrzydla/ skrzydelka'*, respectivamente) em castelos, igrejas ou hospitais, as *asas* do exército, dos partidos políticos, das multidões e, até, dos pensos higiénicos. Em todos estes casos, o Português lexicaliza esta metáfora como *'ala'* – *'a ala da igreja'*, *'a ala do partido/ exército'*, etc., embora, alguns falantes aceitem, pontualmente, o emprego de *'asa'* em vez de *'ala'*.

Observe-se, agora, a metáfora de 'asa', já acima referida, muito comum em várias línguas, em que o sentido primeiro da 'asa do pássaro' deu origem a um sentido derivado. Enquanto em muitos idiomas existem, por exemplo, as 'asas do avião', o que nos faz pensar numa metáfora muito generalizada ou, até, (quase) universal, outras há que não têm uso geral, incidindo só em casos pontuais. Assim, em Inglês (Britânico) e em Francês, existem as 'asas do carro' na designação do *guarda-lamas* – 'the wings of a motor-vehicle' ou 'les ailes de la voiture', respectivamente. A expressão as 'asas do moinho' existe como metáfora obrigatória, por exemplo, em Francês – 'les ailes du moulin', e em Polaco – 'skrzydła wiatraka', sendo, em Português, formalmente existente e dicionarizada, mas de emprego pouco comum e de reconhecimento marginal. No caso das 'asas (asímbas) do nariz', isto é as partes laterais inferiores que ladeiam as narinas, trata-se de uma metáfora obrigatória em Francês – 'les ailes du nez' – ou em Polaco, 'skrzydelka nosa', e possível em Português. Existem, igualmente, fragmentos da realidade que umas línguas chegam a lexicalizar e outras não. Assim, por exemplo, o Português refere-se à parte superior da orelha como a uma 'asa da orelha', criando uma metáfora obrigatória lusa, desconhecida, por exemplo, em Polaco.

Uma parte substancial das metáforas obrigatórias comumente utilizadas constrói-se como emprego derivado das partes do corpo, especialmente na linguagem coloquial de várias línguas. Observem-se, aqui, os exemplos da 'perna da mesa', do 'braço do sofá' ou dos 'pés da cama'.

3. O caso do 'pé'

3.1. O 'pé' nos corpora

Basta visitar os “sites” dos *corpora* linguísticos mais comuns disponíveis na Net, tais como a *Linguateca* ou o *corpus* disponibilizado pelo Centro de Linguística (CLUL) (cf. Bibliografia), para verificar que a frequência da palavra 'pé' quer no discurso oral quer no jornalístico é muito alta. Assim, por exemplo, só na *Linguateca*, foram registadas 12 955 e no CLUL, 1710 ocorrências em todo o tipo de contextos. Para exemplificar, observem-se os seguintes extractos:

- Ext 1345 (pol, 93a): “Mas será que, apesar das funções que desempenha, não tem os governantes ao pé?”
- Ext 3223 (pol, 94b): “Há dias em que já não me consigo ter de pé, tal é a minha fraqueza e cansaço, e já por várias vezes pensei em regressar à frente de combate.”
- Ext 3704 (soc, 98b): “No último sábado, a PJ localizou, no sítio da Casa Branca, freguesia de Erada, sem qualquer documento de identificação, o cadáver do jovem, que aparenta ter 18 a 20 anos de idade, cabelo louro, rosto oval, dentes incisivos da arcada superior grandes e salientes e com 39/40 de medida de pé.”
- Ext 3792 (soc, 93b): “Em reacção às propostas do IEFP, os trabalhadores responderam com um «daqui ninguém arreda pé» e mantiveram o corte da EN-242, entre a Marinha Grande e a Nazaré, e da Linha do Oeste até às 18h45.”
- Ext 5064 (clt, 91b): “De qualquer forma, isto é uma operação complexa que envolve muitas equipas, que tentam pôr de pé um projecto ambicioso, o que me levou sempre a pensar que, antes de ter as iniciativas confirmadas, não valia a pena dar notícia delas.”

- Ext 5160 (clt, 94b): “*Atrás da comitiva presidencial, muita gente passeava entre os «stands» montados na enorme sala branca, de alto pé direito e inúmeras estruturas de ferro da Central Tejo, onde também funciona o Museu da Electricidade.*”
- Ext 5218 (soc, 98b): “*Se assim for, continua de pé a ameaça de fazer um plenário nacional que poderá ter, segundo um comunicado da OM, «consequências imprevisíveis».*”

Foram, igualmente, identificados exemplos de provérbios portugueses em que a palavra ‘pé’ aparece (v. os “sites” de provérbios citados na bibliografia):

- ‘*Lua deitada, marinheiro de pé.*’
- ‘*Nunca o invejoso medrou nem quem ao pé dele morou.*’
- ‘*Quanto mais te agachas, mais te põem o pé em cima.*’
- ‘*Quem não gosta de samba, é ruim da cabeça ou doente do pé.*’
- ‘*Em pé de pobre, todo sapato serve.*’
- ‘*Porco velho não se coça em pé de espinho.*’
- ‘*Nunca falta um chinelo velho para um pé cansado.*’
- ‘*Ao pé da silveira padece a videira.*’”
- ‘*De Amarais, viúvas com corais e viagens a pé, libera nos Domine.*’
- ‘*Deus nos livre dos maus vizinhos de ao pé da porta.*’
- ‘*Dia de S. Barnabé (11/6), sega-se a palma do pé.*’
- ‘*Dar uma de pé contra a parede, mata a fome e a sede.*’ etc.

Repare-se, logo de início, que o que é relativamente menos comum nos *corpora* consultados são os exemplos do tipo do acima citado n.º 3704 da *Linguateca*, em que a palavra ‘pé’ surge no seu sentido básico de “*extremidade de cada um dos membros inferiores do homem que lhe permite o apoio e a locomoção*”, para citar a definição que aparece em primeiro lugar das respectivas acepções nos dicionários portugueses. Esta acepção ocorre, no entanto, com frequência (i) nas expressões futebolísticas (como em, p. ex., ‘*pontapé de saída*’, ‘*pontapé de baliza*’, ‘*pé em riste*’, ‘*lesão no pé*’, etc.), bem como (ii) nos provérbios (ver exemplos acima), quer na referência à própria parte do corpo quer na da parte dela, como em: ‘*planta do pé*’.

Uma análise mais atenta das ocorrências reunidas permite verificar que a principal razão da alta frequência inicialmente observada se prende com o facto de o item lexical em causa integrar inúmeras expressões correntes da nossa “linguagem-no-uso”, as quais se caracterizam por graus muito variáveis de fixidez, de extensão e de flexibilidade⁷. Observem-se, por exemplo, as seguintes expressões: ‘*abalar os pés* a X’, ‘*andar a pé*’, ‘*atar de pés e mãos*’, ‘*dar com os pés*’, ‘*dobrar os pés com a cabeça*’, ‘*dar um pé de dança*’, ‘*estar de pé*’, ‘*estar em pé*’, ‘*fazer finca-pé*’, ‘*fugir a sete pés*’, ‘*pé-de-burro*’, ‘*ser bom pé de dança*’, ‘*saltar ao pé coxinbo*’, ‘*ser pé de chumbo*’, etc.

⁷ Para analisar as ocorrências apresentadas, é praticamente inviável utilizar o critério ortográfico. O facto de uma expressão aparecer grafada sem hífen não constitui índice da sua maior flexibilidade, o que leva, por vezes, à ocorrência indistinta da mesma expressão com ou sem hífen, sem alteração de sentido, tal como se pode observar, a seguir, no caso da expressão ‘*fazer/ manter finca-pé*’.

- “*mantendo-se o finca-pé no turismo temático*” # Tot: 1710 N.º: 2 Ref: J63811
- “*em que ele fazia fincapé*” # Tot: 1710 N.º: 3 Ref: L0009P0057X
- “o PSD não vai fazer finca pé” # Tot: 1710 N.º: 101 Ref: J65151

3.2. Expressão do espaço, postura do corpo e os seus movimentos

Das expressões exemplificadas na secção 3.1., as mais frequentes são aquelas que se reportam, directa ou metaforicamente, aos estados (locativos) ou a movimentos. Veja-se o caso da locução prepositiva ‘*ao pé de*’, no sentido de ‘*perto de*’ (como em: ‘*estar/ chegar(-se) ao pé de alguém / ao pé do mar / ao pé de casa*’, etc.). Trata-se de uma expressão de alto grau de fixidez e de avançado nível de gramaticalização. Outras expressões do mesmo grupo, tal como, ‘*estar de pé*’, ‘*estar em pé*’, ‘*estar a pé*’, utilizados na variação com os respectivos verbos aspectuais, p. ex., ‘*estar/ ficar/ continuar/ andar/ pôr*’, etc. são igualmente muito frequentes tanto em contextos referentes ao espaço físico como em situações abstractas conceptualizadas como espaciais, como em “*a ameaça continua de pé*” no sentido de “*a ameaça mantém-se*” ou de “*pôr de pé um projecto ambicioso*” no sentido de “*realizar um projecto*”. Também muitos movimentos se servem das expressões com ‘*pé*’, o que frequentemente origina a conceptualização das manifestações emocionais, tal como se verifica, p. ex., em ‘*fazer finca-pé*’ na expressão de teimosia, convicção e inflexibilidade de opiniões ou em ‘*fugir a sete pés*’ no sentido de afastar-se depressa física ou emocionalmente.

3.3. Conceptualização por similaridade e por contiguidade

Nas análises efectuadas, verificamos que os diferentes sentidos podem ser conceptualizados através da metáfora e/ou da metonímia a partir do sentido prototípico de base: o ‘*pé*’ como parte do corpo. Ao conceptualizarmos outros sentidos como se fossem parte do “corpo” das entidades de que são elemento constituinte, estaremos a efectuar uma operação por similaridade, ou seja a construir uma metáfora. Assim, vemos os suportes dos móveis como se fossem os ‘*pés*’ dos respectivos “corpos” (p. ex., ‘*os pés da mesa*’, ‘*o pé do candeeiro*’) e – por extensão metonímica – a parte inferior que serve de suporte de uma “construção” da natureza ou de uma obra humana (p. ex., ‘*o pé da montanha*’, ‘*o pé de uma planta*’, ‘*o pé de uma coluna*’ ou a fase de resolução de um problema na expressão ‘*em que pé está este assunto?*’). A expressão ‘*o pé de uma planta*’ significa “a parte de base da planta (com as raízes)”, mas serve – outra vez por similaridade – de ponto de partida para o sentido de “cada exemplo de uma planta”, como, por exemplo, no caso de ‘*o pé de salsa*’ ou ‘*o pé de laranja-lima*’.

Existem, no entanto, significados que não são formados por similaridade, mas por contiguidade. Assim, por exemplo, surge a expressão ‘*os pés da cama*’, no sentido contrário ao de ‘*a cabeceira da cama*’ (e não no sentido: os pés do móvel, análogo às metáforas ‘*os pés da mesa*’, ‘*o pé do candeeiro*’, etc.). A expressão ‘*os pés da cama*’, no sentido contrário ao de ‘*a cabeceira da cama*’, é constituída por contiguidade a partir do sentido prototípico do ‘*pé*’ como parte do corpo. Esta expressão refere-se ao lugar na cama onde “o dono” dos pés os costuma colocar, sendo este oposto ao lugar onde o mesmo “repousa” a cabeça. Trata-se de uma imagem esquemática, culturalmente convencionalizada, o que significa que, mesmo que uma pessoa durma atravessada na cama ou com os pés virados para a cabeceira, a conceptualização do espaço do móvel mantém-se inalterado, mantendo-se, igualmente, as respectivas designações.

Repare-se, igualmente, na conceptualização que leva à formação da expressão ‘*pé*’ como medida, como no exemplo ‘*a sala tem dez pés de altura*’, o que significa que a altura da sala é cerca de três metros (equivalendo a medida inglesa de um ‘*pé*’ a cerca

de trinta centímetros). Em tempos, as medidas eram definidas em função de um pé prototípico de alguém que se serviu dessa parte do seu próprio corpo para determinar as medidas dos espaços e das dimensões circundantes. Por tradição, a conceptualização por contiguidade mantém-se, bem como a respectiva expressão. Na sequência desta conceptualização, quando falamos em '*o pé direito da sala tem três metros*', transmitimos por metáfora a imagem de um espaço com a dimensão vertical mais saliente do que o tradicionalmente esperado (o que é relativo e culturalmente determinado). Igualmente por metáfora criamos a expressão '*dar um pé de dança*', que significa dar um passo de dança, *como se* um passo fosse uma medida de '*pé*'. Por sua vez, '*dar um pé de dança*' corresponde – por extensão metonímica – à actividade de dançar. A partir daí e, mais uma vez por extensão metonímica, surge a expressão '*ser bom pé de dança*', ou seja '*ser pé leve*', o que, ao contrário de '*ser pé de chumbo*', refere uma característica pessoal de leveza e agilidade.

Do mesmo modo, ou seja, por contiguidade, podemos conceptualizar o referente da expressão '*pé de meia*'. Por tradição, as pessoas amalhavam o dinheiro e guardavam as poupanças numa meia, preenchendo – fisicamente – primeiro o espaço que serve para colocar o pé dentro da meia (que, por sua vez, é designado – por extensão metonímica – como '*pé*' de uma meia). O conteúdo colocado no espaço do pé de uma meia passava, assim, e outra vez por metonímia, a designar-se por '*o pé-de-meia*'. Com o tempo – e por similaridade – todo e qualquer tipo de poupança, como em, por exemplo, '*o dinheiro que ele te emprestou constitui o pé-de-meia dele*', independentemente do sítio onde fosse guardado, passava a designar-se com a mesma expressão.

Os exemplos de polissemia da palavra portuguesa '*pé*' aqui apresentados estão longe de dar conta de todas as ocorrências existentes na língua, mas cremos tratar-se das expressões mais frequentes. Pelo contrário, as expressões populares como, por exemplo, '*pé-de-burro*', '*pé-de-galo*', '*pé-de-ganso*', '*pé-de-leão*' ou '*pé-de-lebre*' são geralmente desconhecidas das pessoas sem raízes na cultura agrícola, visto denominarem espécies de flora, cujas folhas (por contiguidade) apresentam – metonimicamente – parencas com as características específicas das patas dos animais indicados na expressão. Trata-se de expressões de alto nível de lexicalização, tal como no caso de nomes de doenças '*pé boto*', '*pé-de-atleta*' ou '*pé chato*'. Assim, também um utensílio pode ser fruto do mesmo tipo de conceptualização, como na expressão '*pé-de-cabra*'. Trata-se de uma alavanca de ferro com uma extremidade fendida, à semelhança do casco de uma cabra.

3.4. Representação do “mapeamento” das conceptualizações

Na sequência da apresentação efectuada, parece evidente que, para representar a complexidade das relações existentes entre o “primeiro” *pé* prototípico e as restantes expressões existentes na língua com base na conceptualização do mesmo, é preciso estabelecer uma rede de extensões efectuadas por similaridade – metáforas – ou por contiguidade – metonímias – em cadeias sucessivas, em que os sentidos derivados se tornam, por sua vez, pontos de partida para as expressões novas. Uma das tentativas deste tipo de representação encontra-se proposta nas figuras em baixo (Figuras 2, 3 e 4).

Figura 2: “Pé” – construção de metáforas (por similaridades)

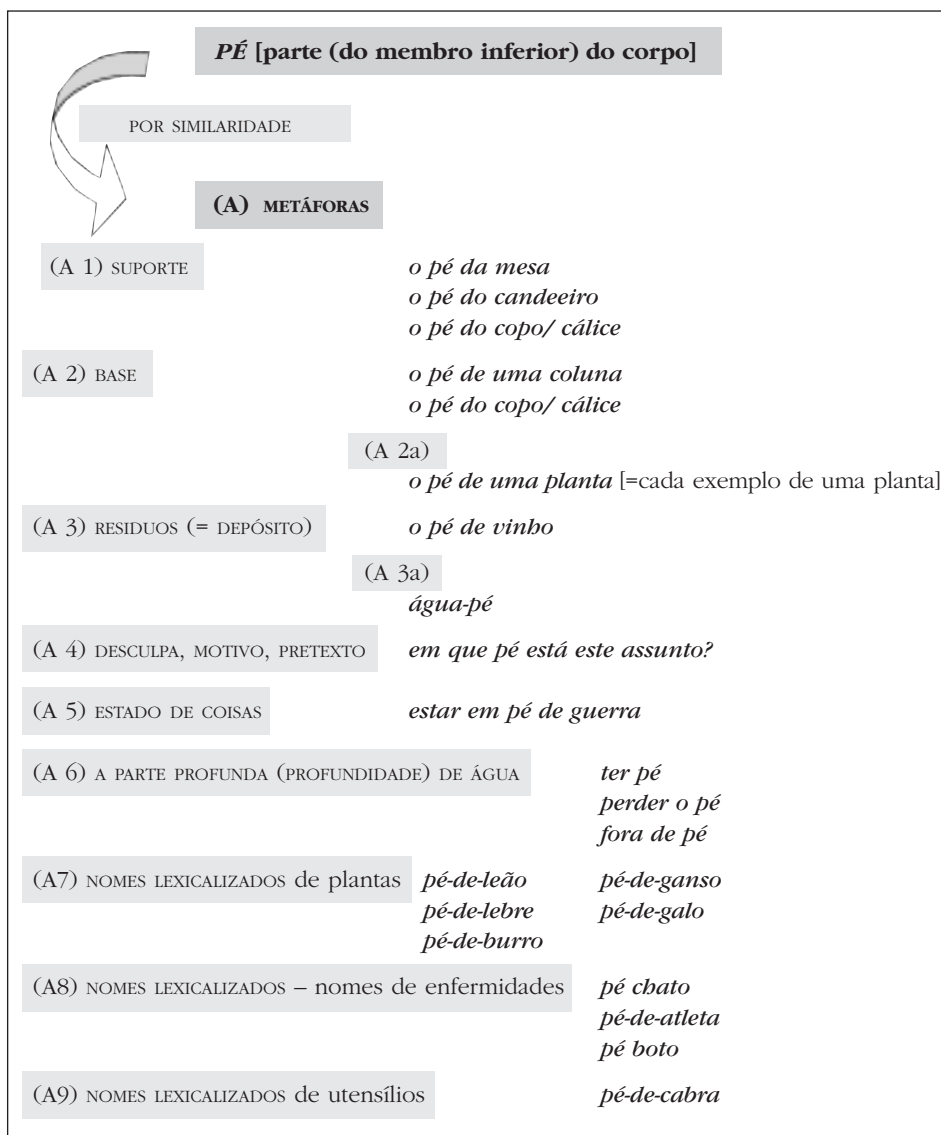


Figura 3: “Pé” – construção de metonímias (por contiguidade)

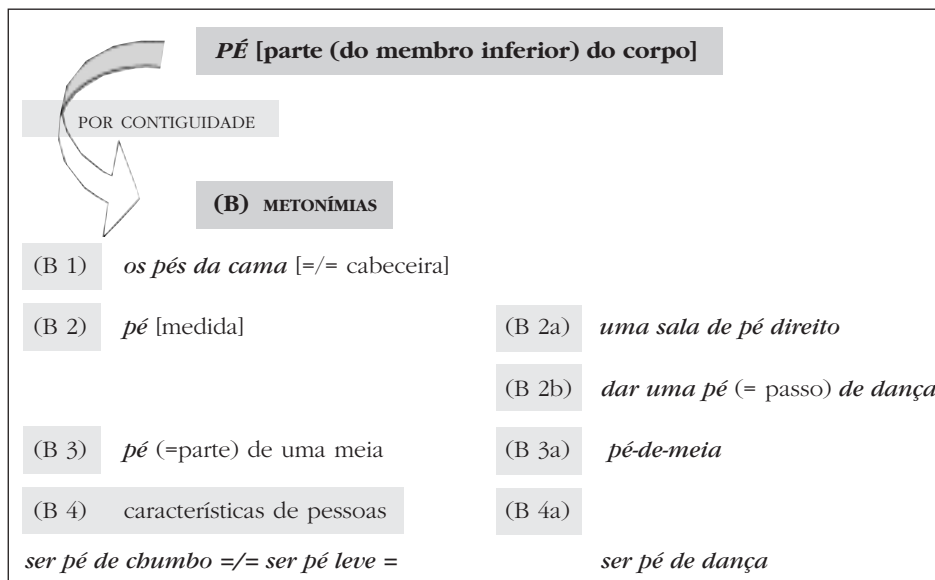
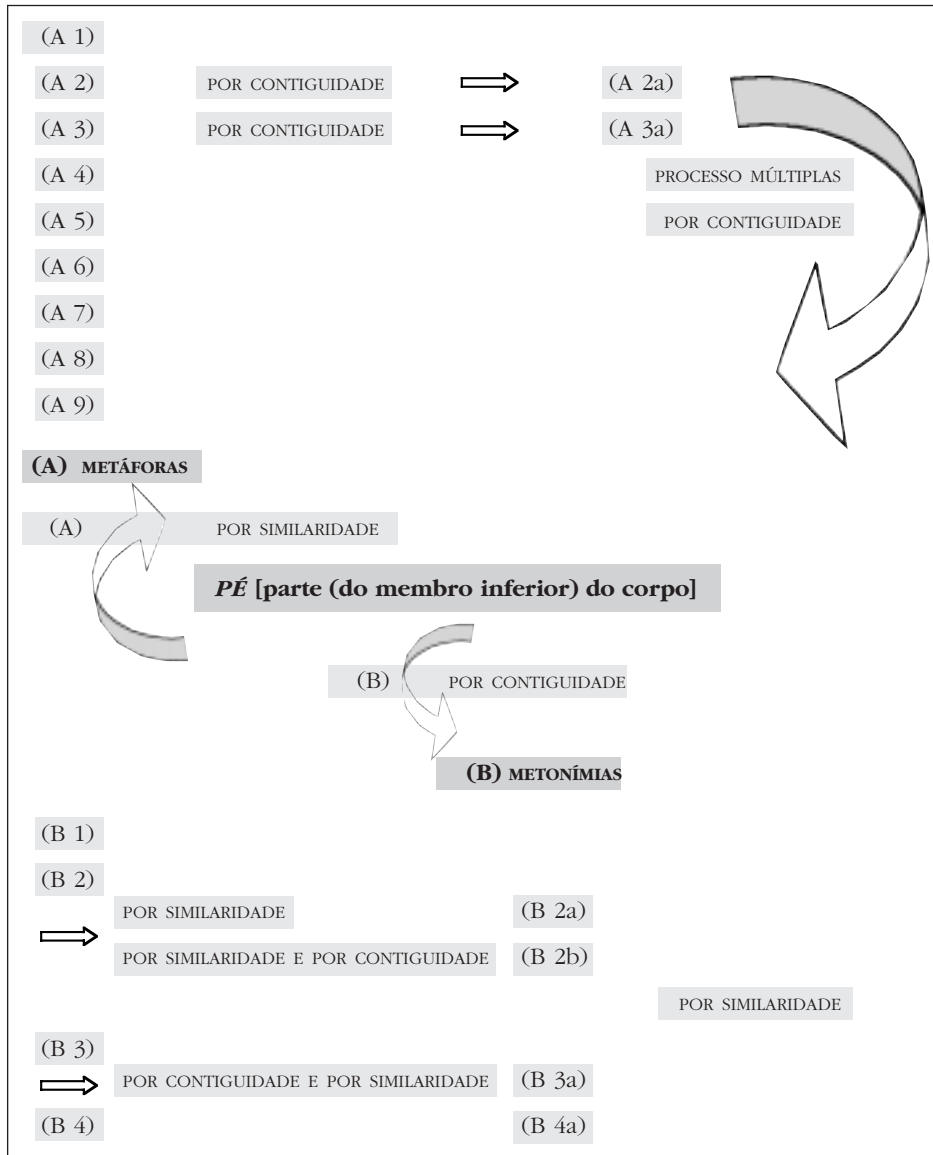


Figura 4: “Pé” – construção de metáforas e metonímias (quadro conjunto)



4. Discussão

Na sequência da análise apresentada podemos perguntar “Para que é que a Língua Portuguesa precisa do(s) ‘*pé(s)*’?”

Primeiro, o Português precisa dos ‘*pé(s)*’ para (i) se referir à extremidade dos membros inferiores dos seus falantes ou a uma das partes desta, concebida, metonimicamente, como uma parte de um todo (‘*peito do pé*’, ‘*planta do pé*’, etc.). A análise do *corpus* consultado mostrou, no entanto, que a referência pura não é frequente no uso da língua. Na esmagadora maioria dos casos, utilizamos o ‘*pé*’ para designar a localização dos objectos e dos seres no espaço. Antes de mais, trata-se da (ii) localização do próprio locutor e da postura física por ele assumida em função dos eixos de orientação espacial. Assim, quem não está deitado ‘*está a pé*’ (e, por conseguinte, mantém-se desperto, acordado) e quem não está sentado ‘*está em pé*’ ou ‘*de pé*’, mantendo-se na posição vertical. Para passar à posição vertical é preciso ‘*pôr-se de/em pé*’, demonstrando, explicitamente, que na verticalidade exige-se um sustento, uma base, um suporte que os próprios pés humanos asseguram. Do mesmo modo, para quem se encontra (iii) dentro das águas com alguma profundidade, a sua segurança é vista como tendo ou não onde manter apoiados os pés (‘*ter pé*’). (iv) A qualidade dos movimentos é efectuada, também, em função das características dos pés: ‘*pé de chumbo*’, ‘*pé leve*’, o que passa para (v) as características das próprias pessoas, como em ‘*ser pé leve*’ ou ‘*ser pé de dança*’, etc.

Os pés humanos asseguram, igualmente, (vi) a locomoção “não assistida” ou seja, efectuada ‘*a pé*’ (em contraste com a efectuada ‘*a cavalo*’, ‘*de carro*’ ou através de outro meio de transporte). Se (vii) a deslocação for efectuada ‘*a sete pés*’, transmite-se a ideia de rapidez. Uma deslocação espacial ‘*do pé para a mão*’ implica um movimento pouco coordenado e/ou determinado. Assim, certos movimentos dos pés que, simbolicamente, servem para representar sintomas de certas (viii) emoções, acabam por lhes ser atribuídos. Por conseguinte, ‘*bater o pé*’ “ilustra” a teimosia, ‘*meter os pés pelas mãos*’ significa atrapalhar-se, ‘*fazer finca-pé*’, mostrar-se obstinadamente persistente, etc.

A ideia de “base” e de “suporte” atrás referida mantém-se na descrição dos objectos intrinsecamente orientados no espaço. Assim, tanto copos e móveis como montanhas e construções arquitectónicas têm (ix) a parte de suporte que é referida como ‘*pé(s)*’ de X. Mas não são só os objectos físicos que dispõem de uma “base” ou de um “suporte”. Também o têm, por extensão metafórica, as interacções humanas, como no caso das expressões ‘*em pé de igualdade*’ ou ‘*em pé de guerra*’. A noção de “base” mantém-se, também na muito frequente gramaticalizada locução prepositiva ‘*ao pé de*’ X, em que se indica uma localização, na proximidade que é fronteira da contiguidade.

A imagem da forma do pé pode ainda transparecer iconicamente nalgumas das (x) designações dos nomes das plantas (cujas folhas nos lembram remotamente a forma da pata de animais), das ferramentas ou das doenças pelos sintomas que lhes são atribuídos, ou ainda aparecer em certas manifestações culturais, como p. ex., ‘*fazer um pé-de-meia*’ no sentido de amearhar dinheiro.

A análise das diferentes conceptualizações instanciadas, esquematicamente acima, de (i) a (x) traduz a forte corporização (= “*embodiment*”) da nossa linguagem. Assim, conceptualizamos o mundo, partindo do nosso próprio corpo para, a partir daí, dar origem às extensões do sentido que abrangem, subsequentemente, o espaço físico que o

nosso corpo ocupa, para, a seguir, passar para outro(s) espaço(s) – físico(s), primeiro, e mental(is), depois – contíguo(s), separado(s) mas próximo(s) e, depois, cada vez mais afastado(s) do núcleo prototípico.

5. Conclusões

Procurámos defender com base num estudo de polissemia que o significado não é objecto mental estável, tratando-se antes da construção de interpretações, e que para tal são precisos critérios linguisticamente bem definidos⁸.

Centrando a análise no estudo específico dos múltiplos sentidos da palavra ‘*pé*’, apresentaram-se alguns percursos metodológicos de interpretação do sentido, com base nos *corpora* linguísticos representativos, extensos e de fácil acesso para o público comum, que nos permitem estudar a verdadeira “linguagem-no-uso”. O levantamento das ocorrências das expressões com ‘*pé*’ mostram a sua extensão, a grande flexibilidade verificada na área, a sua variabilidade e a complexidade dos interrelacionamentos e das interdependências ocorridas nas conceptualizações e nas interpretações propostas. Estas permitem verificar a pertinência da análise da conceptualização por contiguidade, no caso da metonímia e, por similaridade, no caso da metáfora. Permitem constatar que, independentemente de existirem, basicamente, dois processos principais muito produtivos de conceptualização, que partem do mesmo sentido básico da designação de uma parte do corpo, na nossa língua do dia-a-dia, ocorrem também muitos significados frequentes que são fruto de sucessivos processos de conceptualização mais complexos, efectuados por várias metáfora(s) e/ou metonímia(s). Nas propostas de análise apresentadas em quadros procurou dar-se conta dos processos de “mapeamento” ocorridos, que sustentam as interpretações possíveis na construção do significado.

⁸ “E a resposta ao crucial *problema da interpretação* (isto é, a questão dos critérios de interpretação, por forma a evitar a arbitrariedade) consistirá em fundamentar *empiricamente* as interpretações das expressões linguísticas nas experiências individual, colectiva e histórica nelas fixadas, no comportamento dos falantes que as usam e na fisiologia do aparato conceptual humano. Tais critérios implicam, naturalmente, a observação do uso real das expressões linguísticas e daí a importância dos métodos quantitativos baseados no *corpus*” (Silva, 2003:110).

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, Ana Margarida (1999), “O Regresso às Emoções: a Expressão da Raiva em Português”, *Revista Portuguesa de Humanidades*, III (1999), 101-138.
- ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de e GONÇALVES, Carlos Alexandre (2005), “Polissemia e construções gramaticais: o caso da formas X-eiro do Português do Brasil”, Actas do XX Encontro da APL (no prelo).
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz (2000 [1996]), *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, Dissertação de Doutoramento de 1996, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz (2004), *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*, CD-ROM, Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, Augusto Soares da (1999 [1997]), *A Semântica de Deixar: uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia Lisboa, [Dissertação de Doutoramento, Universidade Católica de Braga, Faculdade de Filosofia, Braga, 1997].
- SILVA, Augusto Soares da (2001), “O que é que a Polissemia nos mostra acerca do Significado e da Cognição?”, in: Augusto Soares da Silva (org.) *Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 147-176.
- SILVA, Augusto Soares da (2003), “O sentido múltiplo: polissemia, semântica e cognição” in: Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes (org.) *Produção de Sentido. Estudos Interdisciplinares*, São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003, 91-116.
- SILVA, Augusto Soares da (org.) (2001), *Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa.
- SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu e GONÇALVES, Miguel (org.) (2004), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, 2 vols. Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário (1999), “O Seguro Morreu de Velho: Contributo para uma Abordagem Cognitiva”, in: M. Vilela & F. Silva (org.) 289-314.
- VILELA, Mário (2001), “Limites e ‘Performances’ da Semântica Cognitiva”, in: Augusto Soares da Silva (org.) *Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 193-214.
- VILELA, Mário (2002), *Metáforas do Nosso Tempo*, Coimbra: Livraria Almedina.
- VILELA, Mário (2003), “Ter metáforas à flor da pele (ou outra forma de “ter nervos””, in: Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes (org.) *Produção de Sentido. Estudos Interdisciplinares*, São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003, 181-200.
- VILELA, Mário e FÁTIMA Silva (2004), “The position of the adjective in Portuguese centre and periphery of the adjective class”, in Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres e M. Gonçalves (org.) Vol. I, 661-690.

VILELA, Mário e SILVA, Fátima (org.) (1999), *Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*, Porto: FLUP, 1998.

<http://afundacao.no.sapo.pt/proverbios-POPulares.htm>

<http://biblia.tiosam.com/Biblia/biblia.provérbios>

http://www.clul.ul.pt/sectores/projecto_rdl_pesquisa.html

<http://www.deproverbio.com/DPbooks/VELLASCO/INTRODUCAO.html>

http://geocites.yahoo.com.br/pascoal_br/provérbios.html

<http://kocher.pro.br/port.html>

<http://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>

<http://www.lusowine.com/content.html>

<http://pintopc.home.cern.ch/pintopc/www/cois&lois/proverbios.html>

<http://proverbios.aborla.net/pd.php>

